

Profª Lilia Cristiane Barbosa de Melo

EEEIFM Brigadeiro Fontenelle – Belém/PA

Título

Terra Firme: Juventude periférica: do extermínio ao protagonismo!

Resumo

A principal finalidade desse projeto é proporcionar o reconhecimento e valorização da identidade sociocultural afro-indígena ribeirinha da juventude periférica do bairro da Terra Firme. A mídia paraense construiu uma imagem estigmatizada de um bairro violento em que sua população é predominantemente marginal, abandonada por políticas públicas, a comunidade sofre com a onda de extermínio de seus jovens e, embora apresente uma ativa e intensa produção cultural de grupos artísticos na Terra Firme, eles não interagem com suas escolas. Por isso, necessitamos realizar um levantamento de todos coletivos culturais do bairro, mapeando suas ações e pontos de encontros, com a finalidade de construir uma rede de comunicação entre os fazedores de cultura e alunas(os) da escola. Eventos de formação e informação sobre memória, história e cultura do bairro, bem como seminários, rodas de bate-papos, produção de material de divulgação on-line, foram atividades desenvolvidas ao longo de todo o projeto. A rua, que sempre foi um espaço significativo para a comunidade periférica, foi ocupada com arte, cultura e lazer, deixando de ser mero espaço de deslocamento para transformar-se em forte ponto de socializações das produções desses jovens protagonistas de suas próprias narrativas.

Porém, uma terrível chacina atingiu toda sociedade paraense, principalmente as(os) jovens da Terra Firme, e tivemos que deixar de lado as ações do projeto para enterrar corpos de alunas(os) e seus familiares. As ruas voltaram a ficar desertas, após o toque de recolher (ameaças de invasão e extermínio que viralizavam nas redes sociais), o pânico se instaurou em toda a escola e tudo parecia chegar ao fim.

Foi quando, em março de 2018, realizamos uma campanha que possibilitou levar mais de 400 jovens ao cinema e dada a representatividade das questões afro no filme Pantera Negra, presenciamos o ressurgimento do vigor para debates, rodas de bate-papo e ocupações de ruas. Tanto a campanha quanto a ida ao cinema, despertaram a mídia para o lado produtivo do bairro. Realizamos muitas entrevistas e participações em programas locais, apresentando como se davam as ações do projeto. Até de um programa da Rede Globo (Esporte Espetacular) participamos. Isso chamou a atenção de empresas privadas que também desenvolviam projetos sociais e a escola passou a ser visitada por várias instituições, dentre elas, universidades federais e estaduais. Todos queriam ouvir o depoimento das experiências vividas na ida ao cinema, como essas(es) jovens relacionaram o enredo do filme Pantera Negra com sua realidade.

Toda essa repercussão levantou a autoestima das(os) jovens e decidimos inaugurar um cine clube para usá-lo como principal ferramenta de produção de documentários que contassem a história do bairro a partir das próprias narrativas dessas(es) jovens. Iniciaram-se oficinas de audiovisuais, tanto para professoras(es) quanto para alunas(os), assim poderíamos projetar suas produções no telão, ao céu aberto. Seria uma forma criativa e eficaz de contarmos nossa história para nós mesmos e para o mundo, já que contamos com uma plataforma virtual. Assim, desconstruiremos a imagem de bairro violento e

reafirmaremos que, embora nossa juventude negra, indígena, ribeirinha, periférica, sofra com os descasos do governo e com a disputa territorial que extermina nossas(os) jovens, somos criativas(os) e inteligentes o suficiente para resistir à morte com cultura, arte e lazer.

Planejamento

A escola Brigadeiro Fontenelle está localizada na Terra Firme, um dos bairros mais populosos e violentos da região metropolitana de Belém. Considerado zona vermelha, o bairro é palco de constantes disputas de poder entre traficantes, policiais e milicianos, fazendo de sua comunidade refém dessa guerra silenciosa, cuja sua maior vítima é a juventude negra periférica.

Andando, contraditoriamente, na contramão dos ataques de extermínio, essa mesma juventude marcada para morrer fortalece uma cultura de resistência e enfrentamento, atuando produtivamente, na ausência de políticas públicas, para a ocupação das ruas do bairro com atividades de cultura, arte e lazer.

Meu entendimento e principal angústia foi perceber que, embora o bairro fosse um caldeirão de cultura, essas produções artísticas pouco se socializavam com as escolas do bairro. A insuficiente interação das ações dos coletivos culturais com as(os) alunas(os) e ausência de comunicação desses grupos entre si, contribuíam para que estudantes desconhecêssem a potencialidade cultural do bairro em que moravam, inviabilizando, dessa forma, a construção do senso de pertencimento nas produções culturais do seu lugar (o bairro da Terra Firme). Por desconhecerem sua própria identidade sociocultural, essas(es) alunas(os) não percebiam e, conseqüentemente, não valorizavam o poder transformador do fazer coletivo para uma comunidade periférica.

Assim, seria necessário um mapeamento de todos os coletivos culturais do bairro e um estudo, concomitantemente, de projetos de outras comunidades que apresentassem resultados positivos na aplicação de estratégias de empoderamento da juventude negra periférica, com arte, cultura e lazer, no âmbito da ocupação de locais públicos.

O conhecimento de projetos como "Proceder" (Mano Teko/Rio de Janeiro), "Blacktude" (Nelson Maca/Salvador), "Cooperifa" (Sérgio Vaz/São Paulo), foram determinantes para o envolvimento e sensibilização de jovens que reconheciam nas letras de músicas e poesias desses projetos, aspectos de sua realidade. Soma-se a isso a realização de pesquisas in loco e de seminário que essas(es) jovens realizaram para apresentar o panorama de produções culturais existentes no seu bairro.

Considerando que o projeto desenvolveria atividades com alunas(os) do ensino médio, em especial as turmas de 3º ano, as metas de aprendizagem deveriam apresentar consonâncias com as exigências do ENEM para a disciplina de Língua Portuguesa, já que os resultados do IDEB e do ENEM não têm sido satisfatórios no estado do Pará. Assim, as ações do projeto fortaleceriam as práticas de ensino da língua através de textos nos diferentes processos e dimensões: oralidade, leitura, análise linguística e produção escrita. Não é de hoje que binômio leitura/escrita está presente nas discussões dos encontros de educadoras(es) do estado do Pará. O problema não é reconhecer a importância que tem cada uma, seja a leitura ou a escrita, dentro do processo aquisitivo da linguagem, mas sim reconhecer qual concepção de linguagem se trabalha em sala de aula para poder identificar e valorizar os avanços que almejam frente ao caminho traçado.

Partindo desse princípio da necessidade de mudança nas atividades didáticas em sala de aula é que surge esse projeto de promover debates com jovens acerca da sua realidade, com a preocupação de incentivar

sua escrita, a partir de leituras, reflexões e debates de questões polêmicas que envolvem sua identidade sociocultural, considerando que "compreender e produzir textos são atividades humanas que implicam dimensões sociais, culturais e psicológicas", além de mobilizar todos os tipos de capacidades de linguagem (habilidades e competências).

O projeto pretende, assim, ampliar o nível de letramento dessa juventude periférica, estimulando suas habilidades e competências discursivas, com a finalidade de potencializar o aspecto social do uso da leitura e da escrita nas atividades práticas cotidianas do fazer coletivo.

Dessa forma, reconhecer-se enquanto uma comunidade afro-indígena ribeirinha transformaria o olhar da juventude da Terra Firme, transmutando-a do lugar de objeto na construção de narrativas alheias para lugar de sujeito que escreve e protagoniza a sua própria história.

Diagnóstico

A escola Brigadeiro Fontenelle está entre as três maiores escolas da rede estadual de ensino no estado do Pará. Ela é a maior escola do bairro da Terra Firme (um dos maiores bairros periféricos da região metropolitana de Belém) e por isso concentra jovens de diferentes lugares com diferentes realidades, porém, todos com algo em comum: a falta de recursos financeiros para atendimento básico de suas necessidades.

Por ser muito pobre, populoso e violento, o bairro sofre com constantes ataques de extermínio de sua juventude. A ausência do estado faz com que a comunidade invente soluções criativas para resistir e enfrentar esses ataques. É por isso que a Terra Firme sedia vários coletivos culturais que atuam nas áreas do teatro, dança de rua, grupos de mcs, rappers, boi-bumbá, quadrilhas malucas, formação musical de percussão, dança folclóricas, dentre outros. Esses coletivos não recebem nenhum apoio de políticas públicas e vários deles, por falta desse suporte governamental, não têm sede própria e atuam do jeito que dá, ocupando as ruas com seus ensaios e eventos.

Se de um lado os coletivos culturais precisam de espaço para seus encontros, reuniões, ensaios e eventos, por outro lado, a escola necessita dissolver seus muros para construir um diálogo franco com sua comunidade. Eis aqui uma boa razão para conciliar dois interesses: a comunidade ganha, pois as ações dos coletivos são fortalecidas com o uso dos espaços da escola para o funcionamento necessário de suas atividades. A escola também ganha, pois as oficinas oferecidas nesses grupos envolverão jovens (alunas e alunos) que necessitam de incentivo nas áreas de arte, cultura e lazer.

O público-alvo do projeto são jovens periféricos(as), alunas(os) do ensino médio, porém me concentrei nas turmas de 1º e 3º anos, que são as séries em que leciono desde 2008 na escola.

Percebi, com o decorrer das aulas, que as(os) aluna(os) mais participativas(os), as lideranças nas turmas, eram justamente aquelas(es) que praticavam outras atividades no contraturno. As atividades eram as mais variadas possíveis, mas sempre com oficinas ministradas gratuitamente por coletivos culturais do bairro.

Foi através de conversas e questionários aplicados que concluí que as(os) jovens que se diferenciavam em comportamento e atitude já tinham liderança fora da escola e desenvolviam um trabalho no campo das artes e cultura. Então passei a fazer um levantamento de quantos coletivos culturais o bairro tinha e quais as instituições de manifestações culturais pertenciam ao cotidiano das escolas do bairro.

Surpreendentemente, através do banco de dados do Ponto de Memória da Terra Firme (pesquisa desenvolvida pelo IBRAM), constatei que o bairro dispunha de uma lista com mais de 70 grupos que atuavam produtivamente na comunidade. Mas onde eles estavam? Por que as(os) alunas(os) não os conheciam? O que faltava para se estabelecer uma parceria com as atividades das escolas?

Pensando nisso foi que desenvolvemos vários seminários nos três turnos com a temática: Os coletivos culturais do bairro da Terra Firme. Essa sondagem foi maravilhosa, pois a lista de coletivos que a priori ofereci como opção de pesquisa para as equipes, só crescia, já que surgiam componentes de uma equipe A anunciando aos demais componentes de sua equipe que gostaria de pesquisar o coletivo em que pertencia, ou seja, foram aparecendo diferentes grupos, projetos, ações que ninguém nunca antes havia ouvido falar.

Era angustiante perceber que um coletivo cultural como o Casa Preta, conhecido internacionalmente por atuar com jovens na valorização da cultura afro, jamais tivesse promovido uma roda de bate-papo nas escolas do seu entorno e que essas mesmas escolas seguissem indiferentes às jovens escravizadas por alisamentos. Assim como constatar que a nossa escola chamava grupos de capoeira e/ou de dança de fora para participarem das festas do calendário letivo, quando tínhamos alunas(os) que davam aulas de dança ou eram mestres de capoeira.

Assim, com os questionários, sondagens orais, pesquisas e apresentação de seminários, pudemos realizar um levantamento dos conhecimentos prévios das(os) alunas(os), esboçando um perfil da escola que tínhamos e quais as principais demandas que deveríamos pautar nos futuros debates, convivências e bate-papos.

Desenvolvimento

Reservava um momento em todas as minhas aulas para realizar uma sondagem oral sobre como as(os) alunas(os) se identificavam em meio ao contexto socioeconômico e político. Geralmente, quem mais se manifestava eram aquelas(es) que desenvolviam algum trabalho coletivo no bairro com arte e cultura. Suas falas iniciavam-se quase sempre com afirmações tais como: sou atriz e faço teatro em x coletivo, sou dançarino e desenvolvo a dança em y grupo, me entendo escritora de rimas etc. Automaticamente eu aproveitava a deixa dessas afirmações para provocar reflexões através de perguntas como: O teatro pode mudar realidades? Seria possível intervir positivamente na comunidade com a dança? Quem toparia unir esses talentos? Enquanto umas(uns) compõem a letra, a poesia, outras(os) dançam? Vamos apresentar tudo isso para mais pessoas em pontos estratégicos do bairro? Quem pode chamar mais gente?

De imediato, essa estratégia fazia com que alunas(os) se envolvessem e deliberassem suas ideias a outros grupos. Isso ocorreu em todas as minhas turmas de ensino médio, despertando a necessidade de interagir com professores de outras disciplinas (interdisciplinaridade). Foi quando decidimos realizar os seminários de apresentação dos coletivos do bairro. Cada turma deveria escolher um coletivo, visitá-lo, entender a importância de sua atuação, gravar um vídeo e apresentá-lo no dia do seminário. Após as apresentações, as equipes se responsabilizaram de divulgar esses coletivos em suas redes sociais, tendo como critério avaliativo o número de visualizações, curtidas e compartilhamentos. Essa etapa foi bastante dinâmica e deu super certo.

Porém, percebia que as(os) aluna(os) apresentavam dificuldade de materializar, de vislumbrar como esse material ajudaria na transformação da sua realidade. Sempre que fazíamos debates em sala, as narrativas

se construía em 3ª pessoa do singular, como se elas(es) não fizessem parte daquela produção. Embora muitas(os) fizessem parte dos coletivos do bairro, ainda não se sentia, em suas falas, esse senso de pertencimento. Era somente mais uma atividade da disciplina de Língua Portuguesa a ser cumprida. Fiz um levantamento de materiais que registravam as mudanças a partir de ações coletivas de bairros periféricos de outros estados e, com isso, todo trabalho passou a se fundamentar teoricamente em tais materiais.

Os estados com que tivemos contatos mais próximos foram São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro, através de projetos de Sérgio Vaz (Cooperifa), Nelson Maca (Blacktude) e Mano Teko (Proceder). As(os) jovens tiveram contato direto nas redes sociais com esses poetas e analisamos as poesias, letras de música e vídeos por eles produzidos.

A Gramática da ira, livro de poesias pretas de Nelson Maca, chegou a ser lançado aqui no Pará, em setembro de 2015, logo após uma grande chacina que o bairro enfrentou. Nesse momento, alunas(os) da escola já tinham um envolvimento grande com o coletivo Casa Preta, através de oficinas de tambor realizadas aos fins de semana na escola. O coletivo atua na valorização da identidade afro e, na época, fez o convite ao autor do livro para visitar a escola. Ao recebê-lo com teatro e danças adaptadas de poesias do seu próprio livro que ainda seria lançado, a escola levou o poeta às lágrimas. Formamos um grupo com 55 alunas(os) e adquirimos, em forma de coleta, 20 exemplares do livro que ficaram na escola e que até hoje nos servem de empréstimo rotativo como fonte teórica do trabalho desenvolvido.

Com Mano Teko não foi muito diferente. Embora essas(es) alunas(os) não o conheçam pessoalmente, participaram de várias lives (transmissões ao vivo) com o cantor e tiveram a experiência de montar uma coreografia com a letra da música Quilombo, favela, rua quase que concomitantemente ao lançamento do vídeo da mesma.

Essa metodologia de trabalho com autores vivos e de estabelecer contato real com o autor da obra estudada fez com que muitas(os) alunas(os) desmistificassem o ato criativo e percebessem que para ser poeta basta sentir e querer escrever o que se sente. Assim, formaram-se grupos de estudos que passaram a atuar em diferentes expressões: teatro, dança, rimas, dentre outros.

Com o estudo aprofundado nesses projetos de outros estados e com o acompanhamento dos saraus da Cooperifa, os grupos de estudo entraram em contato com poetas e poetisas do bairro para serem feitas rodas de bate-papo. Foi articulado o primeiro mini sarau e a escola ficou completamente ornamentada com poesias e letras de músicas. Detalhe: muitas de autoria das(os) próprias(os) alunas(os).

Agora já se tinha senso de pertencimento, as ações eram constantes, dentro e fora da escola. Esses grupos passaram a interagir na comunidade com suas produções. Fazer a ocupação de um local público era menos complexo, já que cada um ajudava com o equipamento que tinha e através de uma rede de comunicação era mais fácil articular o que ainda não se tinha. Nossos eventos foram tomando forma e nossas produções (coreografias, recitação de poesia, rimas etc.) já eram inseridas no calendário letivo da escola. Muitas apresentações saíram do bairro e foram apresentadas em saraus no centro da cidade. Recebíamos convites de outras instituições e muitas vezes ganhamos gratuidade em bilheterias e entradas de eventos apresentados em outros espaços. Mas as chacinas não acabaram e lamentavelmente o projeto quase para em março de 2018, devido a uma grande atuação de policiais milicianos. Foi, talvez, a maior chacina que sofremos desde novembro de 2014, aquela que fez o poeta Nelson Maca nos visitar.

Por inúmeras vezes tivemos que parar nossas atividades para velar corpos de alunas(os) e/ou parentes deles, pois a onda de extermínio intensificou-se no bairro nesse segundo bimestre de 2018, período em que os cinemas estreavam o filme Pantera Negra, da Marvel. Dada a relevância de representatividade do filme para as discussões de identidade e cultura afro e a impossibilidade financeira dessas(es) jovens, promovemos uma campanha virtual que teve mais de 300 compartilhamentos e acessos, despertando a atenção de toda mídia paraense.

Conseguimos levar mais de 400 jovens da periferia para o cinema, com direito a pipoca e refrigerante. Muitos nunca haviam pisado na sala de um cinema. Esse fato fortaleceu ainda mais as ações do projeto, abrindo portas para parcerias com universidades estaduais e federais do estado do Pará, museus, coletivos e instituições de ensino superior de outros estados. Iniciou-se, assim, uma enorme agenda de bate-papos, rodas de convivência, interação dessas(es) jovens com outras comunidades. Todos queriam ouvir como foi a experiência de ocupar o espaço do cinema. O que o filme representou para elas(es)?

A exibição de filmes transformou-se numa forte ferramenta para o reconhecimento e valorização do fazer coletivo no bairro e devolveu, de certa forma, o ânimo que as mortes e o sentimento de pânico que as chacinas haviam instaurado na alma das ações de nosso projeto. Houve necessidade de oferecer oficinas audiovisuais de bolso e discutir as etapas de produção. As parcerias com os coletivos do bairro se intensificaram mais ainda e a escola se transformou em um lugar de encontro para lançar estratégias para agregar ações produzidas nas ruas do bairro como forma de reestabelecer o fluxo de jovens nas ruas da Terra Firme, transformar o que tinha se reduzido a um espaço de deslocamento em um espaço genuinamente de socialização do fazer coletivo.

Dessa forma, reconhecer-se enquanto uma comunidade afro-indígena ribeirinha transformaria o olhar da juventude da Terra Firme, transmutando-a do lugar de objeto na construção de narrativas alheias para lugar de sujeito que protagoniza a sua própria história.

Foi assim que a partir de toda a repercussão do filme Pantera Negra e a necessidade de socializar as produções artísticas do bairro como forma de ocupar a rua com arte e lazer, que se inaugurou o Cine Clube TF, um espaço coletivo itinerante que objetiva contar a história do bairro Terra Firme sob a ótica de suas(seus) moradoras(es) na produção de pequenos vídeos que serão exibidos em pontos estratégicos do bairro, onde a mídia insiste em propagar a imagem de bairro violento situado em zona vermelha, mas para os quais acreditamos que falar de poesia em tempos sombrios seja a melhor forma de resistir à morte!

Avaliação

Aprendizagem

Inegavelmente, percebe-se a desconstrução do estereótipo midiático de que a Terra Firme é somente um bairro violento e perigoso, de zona vermelha, onde só moram bandidos. Após uma intensa agenda de bate-papos e rodas de convivência, trabalhando o tema da identidade afro-indígena ribeirinha, já identificamos orgulho na fala das(os) jovens ao revelarem/reconhecerem/valorizarem sua identidade periférica, sua ancestralidade afro.

Belém do Pará é conhecida pelo atributo de cidade morena, termo que de alguma forma carrega em si um receio sutilmente racista de se entender/reconhecer como uma cidade preta. Antes do projeto,

muitas(os) alunas(os) tinham vergonha de ser da periferia e se ofendiam quando chamadas(os) de pretas(os), hoje já se identificam e se chamam orgulhosamente de preta(o) da periferia.

O senso de pertencimento adquirido pelas(os) alunas(os) não foi uma construção imediata, pelo contrário, foi um trabalho árduo de leitura, análise textual, produção textual oral e escrita. A poesia preta de Nelson Maca (autor baiano e coordenador do projeto Blacktude, em Salvador) foi determinante para o resgate dessa valorização étnico-cultural.

Em parceria com o Coletivo Casa Preta, o projeto dedicou algumas de suas etapas para atender tal demanda. O ciclo de debates intitulado “Assumindo meu black e trançando as ideias” resultou em várias alunas cortando seus cabelos alisados e iniciando o processo de transição, socializando suas experiências em palestras para outras alunas da comunidade.

Inevitavelmente, formaram-se diferentes grupos nas escolas, de multiplicadores que atuavam em diversas expressões: poesia, música, esporte, dança, rimas, rappers etc. Todo processo de construção era registrado nas redes sociais e em cartazes na escola; isso fez com que alunas(os) se preocupassem mais com os registros no aspecto formal da língua. Muitas aulas minhas foram dedicadas exclusivamente à retextualização dos textos escritos e à correção ortográfica.

O lado positivo da flexibilidade na metodologia foi permitir que as(os) jovens se encontrassem onde se sentiam mais confortáveis para atuar. Um(a)s gostavam de fazer registros com vídeos e fotografias, outras(os) na organização dos debates e muitas(os) na participação dos mesmos na condição de palestrantes. No entanto, houve sempre o momento de reunir todos os grupos para avaliar aspectos positivos e negativos. Com isso, houve um amadurecimento na conduta dessas(es) jovens dentro da escola. Quando queriam algo frente à direção, já oficializavam seu pedido formalmente. Essa etapa foi significativa para se estudar os gêneros textuais no seu aspecto formal, tais como: solicitação, requerimento, relatório, abaixo-assinado, dentre outros.

As temáticas polêmicas pertinentes à comunidade serviram para exercitar a tipologia dissertativa argumentativa, já que embora os debates fossem predominantemente orais, os textos escritos sempre pertenceram aos critérios avaliativos de todas as avaliações. Uma forma eficaz de preparar alunas(os) para futuros processos seletivos aos quais se submeteriam.

Uma grande dificuldade que enfrentamos foi no que diz respeito às visitas a outras instituições. Após a ida ao cinema, muitas portas se abriram para o projeto, aos menos no que diz respeito a parcerias externas, mas todas(os) alunas(os) que foram assistir ao filme Pantera Negra queriam participar dos debates fora da escola, e nada mais justo todas(os) irem. Mas levar todas as turmas de ensino médio para outra instituição implicaria em ter a permissão de todas(os) professoras(es) daquele dia para liberarem essas turmas. Infelizmente, nem todas(os) concordavam. Sempre ficavam duas ou três turmas chateadas por não participarem da ação extraescolar.

Soma-se a isso a dificuldade em garantir o deslocamento das(os) alunas(os), já que os ônibus têm fretes caros e nem sempre são custeados pela instituição que faz o convite. A solução para ambos foi negociar previamente com professoras(es) do horário das visitas e promover campanhas para subsidiar os ônibus. Outro ponto bem difícil foi lidar com as chacinhas, já que um dos objetivos do projeto era a ocupação de ruas com as produções culturais, todavia, em períodos mais tensos de matança, as ruas são locais proibidos de se permanecer. Nesse aspecto, tivemos que superar o medo de estar na rua e

fortalecer a ação com presença de representantes dos direitos humanos e outras instituições que garantissem a realização das atividades em segurança.

É importante salientar que o projeto atuou nas turmas de ensino médio, incluindo as turmas de EJA, nos três turnos da escola. O retorno das turmas de EJA foi surpreendente, tanto na desenvoltura dos debates orais quanto na produção de textos escritos. "Nunca acreditei que um dia falaria que gosto de estudar Português, sempre foi muito difícil para mim": falas desse tipo foram suporte positivo na avaliação, pois entendemos que trabalhar ações de projetos com turmas de EJA, no turno da noite, é tão positivo quanto trabalhar com qualquer outra turma. A dificuldade de se trabalhar com público A, B ou C, depende muito do processo de sensibilização da turma. Dificuldades sempre existirão, mas nada que impossibilite a ação em si.

A inauguração do cine clube foi uma etapa recente que garantiu a continuidade desse projeto, pois oferece oficinas de audiovisuais tanto para professoras(es) quanto para alunas(os), assim é possível a construção de mini documentários sobre o bairro da Terra Firme na ótica de suas(eus) moradoras(es). Dessa forma, teremos jovens escrevendo sua própria história, atuando como sujeitos que protagonizam a história que narram.

Reflexão

Essa experiência não só pode como deve ser replicada por outras(os) professoras(es), desde que sua escola esteja situada em um bairro periférico e que seja vítima de ausência de políticas públicas, não necessariamente vítima de extermínio.

Para garantir a replicação, será necessária uma sondagem das principais demandas da comunidade do entorno da escola e da comunidade escolar. É imprescindível à professora que coordenar a replicação estudar sobre outros projetos que já têm um reconhecimento nacional com a prática do fazer coletivo. Sugiro inserir em suas referências o projeto de Sérgio Vaz, da Cooperifa, exercido no estado de São Paulo. Uma real dificuldade a ser enfrentada é a falta de compreensão da comunidade escolar sobre a didática, a dinâmica inovadora de ensinar a língua através da pedagogia de projetos. Há resistência das(os) alunas(os), pais e mães de alunas(os) e, às vezes, da própria direção da escola. Lamentavelmente, serão necessários muitos momentos de justificar a importância de ensinar a Língua Portuguesa fora dos moldes tradicionais, mas os PCNs e as matrizes de referência do ENEM podem servir de documentos que validam essa prática de ensino.

Garantindo tal prática inovadora de ensino, com as ações do projeto, o(a) professor(a) terá a garantia de alunas(os) mais maduros, atuantes positivamente na escola e na comunidade em que vivem.